



EDUCAÇÃO:

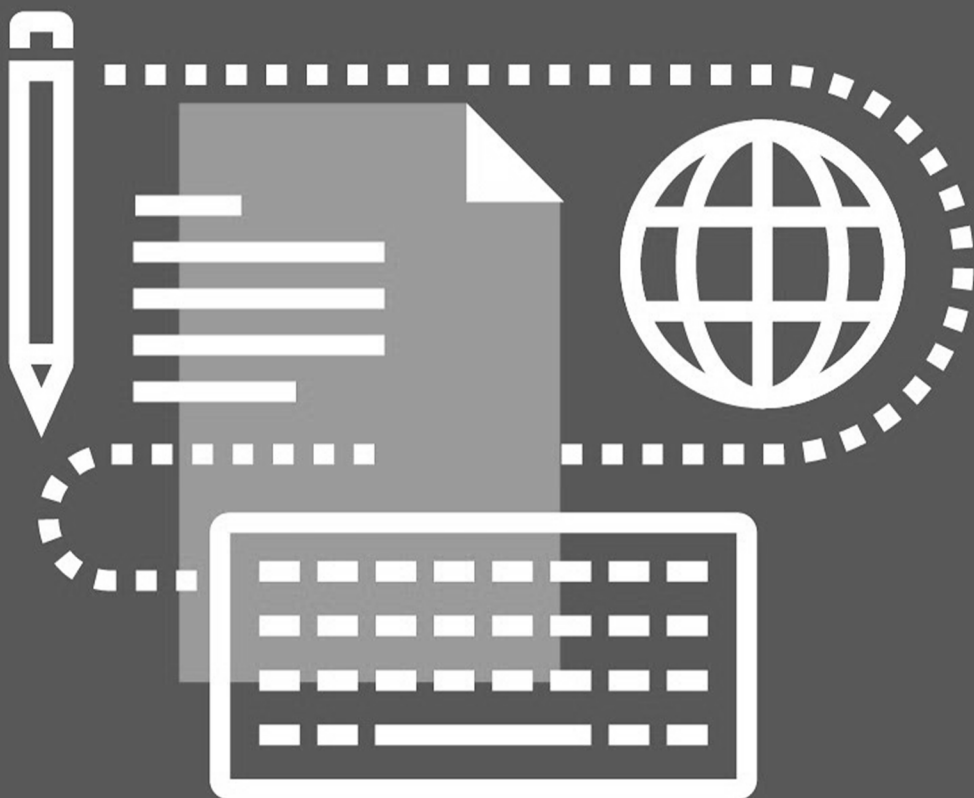
ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 5

Editores: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 5 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-290-6

DOI 10.22533/at.ed.906201808

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional.
I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. O quinto volume deste livro, intitulado “**Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, aqueles e aquelas que pensam e inter cruzam as discussões sobre as questões de Gênero, Educação Inclusiva e Sexualidade, em diferentes instituições e regiões do país.

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro e as questões voltadas à inclusão, sexualidade e gênero. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns do contexto educacional.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| PROFESSORES DE CIÊNCIAS E ORIENTAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE BARREIRAS - BAHIA | |
| Raquel Lima Besnosik | |
| Fábio de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.9062018081 | |
| CAPÍTULO 2 | 12 |
| A DIVERSIDADE DOS SUJEITOS DA EJA: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS NA ATUAL EDUCAÇÃO BRASILEIRA | |
| Amilton Alves de Souza | |
| Damile da Luz dos Santos Ferreira | |
| Edeilda Souza Gonçalves Viana | |
| Humberto Cordeiro Araujo Maia | |
| DOI 10.22533/at.ed.9062018082 | |
| CAPÍTULO 3 | 34 |
| CONCEPÇÕES DE DOIS PROFESSORES DE CIÊNCIAS SOBRE A SEXUALIDADE TRABALHADA EM SUAS ESCOLAS | |
| Viviane Faria Lopes | |
| Paulo Henrique Mesquita Carneiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.9062018083 | |
| CAPÍTULO 4 | 49 |
| O DIÁLOGO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR INTERCULTURAL E BILÍNGUE | |
| Marlene de Brito Kling Almeida | |
| DOI 10.22533/at.ed.9062018084 | |
| CAPÍTULO 5 | 62 |
| CENAS E DIÁLOGOS ENTRE CRIANÇAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM, SENTEM E FALAM SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO? | |
| Geisa Orlandini Cabiceira Garrido | |
| Maria de Fátima Salum Moreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.9062018085 | |
| CAPÍTULO 6 | 74 |
| APLICATIVO EDUCATIVO PIONEIRAS: O RECONHECIMENTO DAS MULHERES DO BRASIL | |
| Júlia Braga Marques Pereira | |
| Mikaele Duarte de Souza | |
| Frederico Alves Lopes | |
| Adriana Mara Vasconcelos Fernandes de Oliveira | |
| Vitória Bispo Umbelino | |
| Maria Luiza Andrade Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.9062018086 | |
| CAPÍTULO 7 | 86 |
| A PEDAGOGIA DE PROJETO FACILITANDO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA EM PRISÕES | |
| Angela Moraes Cordeiro Sena | |
| DOI 10.22533/at.ed.9062018087 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 8 | 97 |
| A EDUCAÇÃO ESCOLAR NOS AMBIENTES DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE | |
| Dayane Gasparotto Bertoli | |
| Vanessa Cristina Giangrossi | |
| Fernanda da Conceição de Lima | |
| Paula Nascimento da Silva Moura | |
| DOI 10.22533/at.ed.9062018088 | |
| CAPÍTULO 9 | 107 |
| A FUNDAMENTAÇÃO DA EJA COMO PROSPECÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO DE RESSOCIALIZAÇÃO DE ALUNOS PRIVADOS DE LIBERDADE NA CASA DE DETENÇÃO DE ARIQUEMES | |
| Preves Santonira | |
| DOI 10.22533/at.ed.9062018089 | |
| CAPÍTULO 10 | 118 |
| CIDADANIA SEXUAL E “MASCULINIDADE EXTRAORDINÁRIA”: APONTAMENTOS EM GRAFITOS ESCOLARES | |
| Adriano Rogério Cardoso | |
| Tânia Regina Zimmermann | |
| DOI 10.22533/at.ed.90620180810 | |
| CAPÍTULO 11 | 135 |
| NAS TEIAS DE UM CURRÍCULO ESCOLAR: A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA EM FINOS FIOS | |
| Antônio Ferreira | |
| Edimara Gonçalves Soares | |
| DOI 10.22533/at.ed.90620180811 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 146 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 147 |

CIDADANIA SEXUAL E “MASCULINIDADE EXTRAORDINÁRIA”: APONTAMENTOS EM GRAFITOS ESCOLARES

Data de aceite: 03/08/2020

Data da Submissão: 26/04/2020

Adriano Rogério Cardoso

UEMS-Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Mestrado em Educação
Paranaíba-MS

<http://lattes.cnpq.br/9194872281910863>

Tânia Regina Zimmermann

UEMS-Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Mestrado em Educação
Paranaíba-MS

<http://lattes.cnpq.br/2227609326004038>

RESUMO: Este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa “História, Sociedade e Educação”, vinculada ao Grupo de Pesquisa “Relações de Gênero Cultura e Sociedade”. Este trabalho objetiva uma reflexão sobre a construção de modelos de masculinidade hegemônica e extraordinária a partir de três grafitos produzidos por adolescentes na Escola Estadual “Profª Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes” da cidade

de Pontalinda, SP no ano de 2018. Em relação à metodologia, optamos por uma pesquisa descritiva-exploratória, de cunho qualitativo, no qual utilizaremos elementos da análise de discurso. Nesse sentido, a Análise Crítica do Discurso (ACD) contribui para pensar o conjunto da produção de imagens presentes nos grafitos, pois permite examinar os aspectos linguísticos, imagéticos com os aspectos socioculturais. Na lida com as imagens, aduz-se que essas devam ser tratadas pelo que dizem, como dizem e disposições, da linguagem alocada com os grafitos, pelos conceitos/termos que esses jovens utilizam, pelas zonas de silêncio/superfície ali estabelecidas. Advogamos a necessidade de problematizar questões de gênero e sexualidades nos discursos das políticas curriculares e nos processos de formação de educadores(as). Medra-se a necessidade de reflexão, desconstrução de preconceitos, estereótipos generificados permitindo a formação de cidadãos críticos e conscientes em suas subjetividades.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidades. Masculinidade. Relação de Gênero.

ABSTRACT: This article presents partial results of a Master’s in Education research developed with the Postgraduate Program in Education of the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), University Unit of Paranaíba, in the research line “History, Society and Education”, linked to the Research Group “Gender, Culture and Society Relations”. This work aims to reflect on the construction of hegemonic and extraordinary masculinity models based on three graffiti produced by teenagers at the State School “Profª Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes” in the city of Pontalinda, SP in 2018. In relation to the methodology we chose by a qualitative descriptive-exploratory research, in which we will use elements of discourse analysis. In this sense, Critical Discourse Analysis (CDA) contributes to thinking about the production of images present in the graffiti, as it allows the examination of linguistic, imagetic and socio-cultural aspects. In dealing with images, it is argued that they should be treated by what they say, as they say and dispositions, of the language allocated with the graffiti, by the concepts / terms that these young people use, by the zones of silence / surface established there. The partial results of the research point to the growing existence of gender and sexuality prejudices in society. We advocate the need to problematize issues of gender and sexuality in the discourses of curricular policies and in the processes of training educators. There is a need for reflection, deconstruction of prejudices, gendered stereotypes allowing the formation of critical and conscious citizens in their subjectivities.

KEYWORDS: Sexualities. Masculinity. Gender Relationship.

RESUMEN: Este artículo presenta resultados parciales de una investigación de Maestría en Educación desarrollada con el Programa de Postgrado en Educación de la Universidad Estatal de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidad Universitaria de Paranaíba, en la línea de investigación “Historia, Sociedad y Educación, “Vinculado al Grupo de Investigación” Género, Cultura y Relaciones con la Sociedad”. Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la construcción de modelos de masculinidad hegemónica y extraordinaria basados en tres graffiti producidos por adolescentes en la Escuela Estatal “Profª Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes” en la ciudad de Pontalinda, SP en 2018. En relación con la metodología que elegimos a través de una investigación descriptiva-exploratoria, de naturaleza cualitativa, en la que utilizaremos elementos de análisis del discurso. En este sentido, el Análisis Crítico del Discurso (ACD) contribuye a pensar en la producción de imágenes presentes en los graffiti, ya que permite examinar aspectos lingüísticos, imaginarios y socioculturales. Al tratar con las imágenes, se argumenta que deberían ser tratadas por lo que dicen, como dicen y las disposiciones, del lenguaje asignado con los graffiti, por los conceptos / términos que usan estos jóvenes, por las zonas de silencio / superficie establecidas allí. Los resultados parciales de la investigación apuntan a la creciente existencia de prejuicios de género y sexualidad en la sociedad. Defendemos la necesidad de problematizar las cuestiones de género y sexualidad en los discursos de las políticas curriculares y en los procesos de formación de educadores.

Hay una necesidad de reflexión, deconstrucción de prejuicios, estereotipos de género que permitan la formación de ciudadanos críticos y conscientes en sus subjetividades.

PALABRAS CLAVE: Sexualidades. Masculinidad Relación de género.

RESUME: Cet article présente les résultats partiels d'une recherche de maîtrise en éducation développée avec le programme de troisième cycle en éducation de l'Université d'État du Mato Grosso do Sul (UEMS), Unité universitaire de Paranaíba, dans la ligne de recherche « Histoire, société et éducation », Lié au groupe de recherche « Relations entre les sexes, la culture et la société ». Ce travail a pour objectif de réfléchir à la construction de modèles de masculinité hégémoniques et extraordinaires à partir de trois graffitis produits par des adolescents à l'École d'État « Profª Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes » de la ville de Pontalinda, SP en 2018. Par rapport à la méthodologie que nous avons choisie par une recherche qualitative descriptive-exploratoire, dans laquelle nous utiliserons des éléments d'analyse du discours. En ce sens, l'analyse du discours critique (ACD) contribue à la réflexion sur l'ensemble des productions d'images présentes dans les graphiques, car elle permet d'examiner les aspects linguistiques, imaginaires et socio-culturels. Dans le traitement des images, on fait valoir qu'elles devraient être traitées par ce qu'ils disent, comme ils disent et par les dispositions, du langage alloué au graffiti, par les concepts / termes que ces jeunes utilisent, par les zones de silence / surface qui y sont établies. Les résultats partiels de la recherche indiquent l'existence croissante de préjugés liés au genre et à la sexualité dans la société. Nous préconisons la nécessité de problématiser les questions de genre et de sexualité dans les discours des politiques curriculaires et dans les processus de formation des éducateurs. Il y a un besoin de réflexion, de déconstruction des préjugés, de stéréotypes de genre permettant la formation de citoyens critiques et conscients dans leurs subjectivités.

MOTS-CLES: Sexualités. Masculinité. Relation entre les sexes.

1 | INTRODUÇÃO

A instituição escolar, ao cumprir seu papel de esquadrihar modos de comportamentos sociáveis para padrões assertivos, dista de possibilidades pluri-humanas. Isto é verificável ao petrificar o campo das sexualidades na dualidade única do que podemos ser. Assim encaixes figuram padrões de normalidade ancorados na ideia de uma natureza fixa. Orienta-se pelo viés hegemônico heteronormativo e silencia, rejeita tudo que diferente for. Nesse panorama questões relativas aos gêneros e às sexualidades devem ser evitadas em ambiência escolar em detrimento de questões políticas, sociais, religiosas, conflituosas que possam gerar tabus no ambiente escolar. Isso precisa ser repensado.

De acordo com Fagundez (2009), Joan Scott, historiadora norte americana, “pioneira em analisar a história pelo viés do gênero”, em uma entrevista publicada em 05 de junho de 2019 na BBC News Brasil, alerta que pessoas buscam por “salvação” nas questões de gênero por meio da “masculinidade extraordinária”, ou seja, por meio de homens como

Donald Trump e Jair Messias Bolsonaro como salvadores da Pátria (FAGUNDEZ, 2019, n.p.).

Cabe às mulheres manter os moldes da feminilidade hegemônica. Elas devem ser treinadas desde a infância para a sensibilidade, docilidade, fragilidade, submissão, proteção, práticas amorosas e maternais (LOURO, 1997, 2018), enquanto que do masculino se espera o oposto, que surjam líderes natos, viris, fortes, agressivos, heterossexuais, poderosos, abastados financeiramente. Estas são algumas regras da masculinidade como preconiza (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013).

A desigualdade de gênero se reflete na sociedade e na política, não há equilíbrio nas questões de feminilidade, “se uma mulher tenta exercer esse poder, ela é vista como anormal”. As mulheres “[...] não devem parecer muito agressivas e, portanto, masculinas, nem muito sensíveis e logo, frágeis”. Elas não podem e nem devem parecer poderosas, pois serão taxadas como masculinas, perigosas, anormais, não-femininas (FAGUNDEZ, 2019, n.p.).

Segundo Scott “[...] é justamente a ‘brutalidade e vulgaridade’ de figuras como Trump e Bolsonaro [...] que atraem os eleitores em tempos de crise. Segundo ela, busca-se na ‘masculinidade excepcional’ exibida por esses líderes a solução de todos os problemas, como um pai que salvará o país do caos” (FAGUNDEZ, 2019, n.p.).

Não somos os(as) detentores(as) da verdade absoluta, da razão, deixamos a(o) leitor(a) o encargo de problematizar e refletir por si mesmo(a). O direcionamento que acreditamos deve conduzir-nos ao convívio igualitário, ao bem estar comum a todos(as), independente de quem exerça o “excepcional poder” seja ele(a) usando vestidos ou calças.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, de cunho qualitativo, no qual utilizaremos elementos da análise de discurso. Nesse sentido, a Análise Crítica do Discurso (ACD) contribui para pensar o conjunto da produção das falas e imagens presentes nos grafitos, pois permite examinar os aspectos linguísticos, imagéticos com os aspectos socioculturais. Fairclough (2016), Fairclough e Wodak, (2000) e Teun van Dijk (2017) consubstanciam a teoria dessa análise discursiva.

Procuramos refletir acerca das relações possíveis entre teorias de Michel Foucault (1979, 2018), dos(as) pesquisadores(as) Guacira Lopes Louro (1997, 2018), Fernando Seffner (2014), Albuquerque Júnior (2013) e Connel (1995) sobre teorias de gênero, educação e os fundamentos da ação docente relacionados à temática desta pesquisa.

Van Dijk (2017) nos alude sobre o abuso de poder dos dominantes exercido sobre os(as) dominados(as). Em outras palavras, estamos à mercê de um discurso abusivo que

constitui e valida os quesitos do poder dominante, o qual valoriza a divisão e despreza a igualdade. Discurso esse que inclui questões de gênero e sexualidade, construção da masculinidade, feminilidade, homofobia naturalizando ódios, medos e violências múltiplas.

Somos favoráveis aos pensamentos de Fairclough (2016) ao abordar discurso como prática social relacionada à ideologia, ao poder e à hegemonia. Fairclough e Wodak, (2000, p.368) relatam que as práticas discursivas carregam efeitos ideológicos, auxiliam na produção ou manutenção de relações de desigualdades, sejam nos níveis das classes sociais, pessoais, relacionais entre homens, mulheres e se estendem às subjetividades. O discurso é algo carregado de efeitos ideológicos que impõem seu poder abusivo incessantemente. Este circula por veios capilares que nem sempre tomamos consciência, muitas vezes acreditamos como verdades inquestionáveis.

A hegemonia imperativa marginaliza corpos e comportamentos diferentes nesse processo discursivo ideológico, fazendo com que os direitos das minorias, muitas vezes sejam ignorados (LOURO, 2018). Daí a importância das lutas sociais feministas e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexual (LGBTQIA+) por direitos de uma cidadania sexual igualitária e inclusiva, ou seja, que os direitos dos heterossexuais estendam-se aos homens e mulheres homossexuais, dignamente. Incluindo direitos conjugais homoafetivos, sociais, trabalhistas e suas prerrogativas (LOREA, 2008; MOREIRA, 2016; CAMPOS, NETO, 2018; BUZOLIN, 2019; LARRAT, 2019).

Registramos grafitos durante os anos de 2018 e 2019 na E.E Prof^a Zelia de Lourdes Zaccarelli Lopes- no município de Pontalinda -SP, por ser local de trabalho do pesquisador Cardoso. Escola de Ensino Fundamental II- séries finais e Ensino Médio. Observamos *in loco* elevados números de produções gráficas relativas à sexualidade e gênero, no entanto, parece-nos que essas temáticas tenham sido deixadas às margens pelo currículo cotidiano. Há necessidade de visibilidade, reflexão, discussão, inclusão curricular delas nos processos de formação profissional e continuada de professores(as), pois devido aos interesses religiosos, político-pedagógicos na educação, invisibilizou de seus documentos oficiais como na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), questões de gênero e de sexualidade (BRASIL, 2018).

Na lida com as imagens, aduz-se que estas devam ser tratadas pelo que dizem, como dizem, suas disposições, linguagem alocado aos grafitos, variedade de formatos, conceitos/termos que estes jovens utilizam, zonas de silêncio/superfície estabelecidas. Santaella (2012, 2018) apresenta elementos para uma exploração analítica dos grafitos fotografados.

Questões sobre a utilização analítica das fotografias são levantadas: “será que as fotografias tiradas por um investigador, ou qualquer outra pessoa, podem captar a vida interior de, por exemplo, uma escola? Será que podem captar uma essência que foge a outras abordagens?” (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p.190). Os mesmos autores apontam

que “[...] as fotografias não são as respostas”, porém devem ser vistas como “ferramentas para chegar às repostas” (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p.191).

Para Sontag (2004, p.34) “[...] a imagem fotográfica possui uma ampla e naturalizada presença no imaginário social, o que lhe confere um poder raro e ambíguo capaz de suscitar impotência e agressão, tédio e fascínio”. O imaginário social pode nos conduzir a interpretações, representações da realidade discursiva entrelaçadas aos elementos do poder. “O próprio ato de fotografar ou filmar um determinado evento já inclui a ‘transcrição’ de uma ideia em uma representação, no caso visual” (GÜNTHER, 2006, p. 205). Os grafitos, a nosso ver, são textos verbo-visuais.

Segundo Santaella (2012, p.80) “toda foto, qualquer foto que seja, congela e eterniza o tempo. Clicar o botão significa cortar, sem revogação possível, o fluxo do tempo e, conseqüentemente, o escorrer da vida.” A fotografia nos possibilita analisar o recorte identificando elementos socioculturais e educacionais.

3 | DISCUSSÃO

Os(as) alunos(as) circulam em ambiência escolar e trazem consigo repertório familiar, religioso, social, psicológico e modelos de masculinidade hegemônica para dentro dos muros escolares, posicionam-se em todos os lugares desse ambiente, assim como os(as) professores(as) que ali atuam. O conceito de masculinidade abarca regras sociais construindo e delimitando a maneira do homem ser e agir em sociedade. Sendo valorizado o homem heterossexual, viril, branco, abastado financeiramente e forte.

Por meio dos discursos, vestimentas, gostos musicais, comportamentos e atitudes diárias os(as) alunos(as) deixam marcas em ambiência escolar. Para esta pesquisa nosso interesse são as manifestações gráficas (grafitos) produzidas pelos(as) adolescentes em ambiência escolar referentes ao gênero e a sexualidade.

De acordo com Santaella (2018) percebemos que “tudo é signo”, incluindo imagens e podem ser interpretadas. Em relação aos níveis interpretativos das imagens “distribuem-se em três camadas” a primeira é a “camada emocional, ou seja, a qualidade de sentimento e a emoção que o signo é capaz de produzir em nós”; a segunda é “a camada energética, quando o signo nos impele a uma ação física ou puramente mental”; e terceira é “a camada lógica, esta a mais importante quando o signo visa produzir cognição” (SANTAELLA, 2018, p.40). As três camadas caminham juntas portanto.

Ao observarmos os grafitos, identificamos o uso constante de linhas sinuosas, soltas, rápidas, curvas, circulares, fragmentadas ou continuas, em todas as figuras elencadas, isso nos sugere que tais produções são desprovidas de exigências, são produções espontâneas. No viés semiótico, referimos ao “qualissigno”, ou seja, “é uma qualidade que é um signo”. Todas as imagens observadas, seguem um padrão semelhante em relação às linhas, formas, volumes, movimentos, dinâmicas, conforme nos sugere (SANTAELLA,

2018, p.12).

As Fig. 1, Fig. 2 e Fig. 3 encontradas no tampo de uma carteira escolar nos indicam o modo dinâmico de elaboração dos grafitos, uma vez que podem sofrer interferências constantes pelos autores(as), agentes circulantes em salas de aulas e no interior da escola. Essas fotos foram colhidas na semana que antecederam o primeiro turno das eleições de 2018.

Nossa atenção está focada aos fenômenos do “olhar observacional”, ou seja, “[...] nossa capacidade perceptiva que deve entrar em ação. Estar alerta para a existência singular do fenômeno [...] conseguir distinguir partes e todo” (SANTAELLA, 2018, p.31) e realizarmos uma busca “arqueológica e genealógica” foucaultianas das relações de poder ali atreladas.

Na Fig. 1, podemos identificar uma imagem masculina, supostamente um policial militar (signo que nos remete ao poder, força física, coragem, armas, combate, ordem, segurança) devido às vestimentas. Encontramos ainda uma seta indicativa com o nome “Jair Bolsonaro”, que não se parece nem caricaturalmente com o candidato Jair Bolsonaro, talvez essa inclusão do nome tenha sido adicionada por um(a) outro(a) aluno(a). A figura apresenta uniforme da polícia militar do Estado de São Paulo, uma vez que é possível identificarmos o boné com estrela (possivelmente alguma patente elevada de comando), um colete à prova de balas, braços largos e peludos como símbolo de masculinidade, virilidade e força. Braço forte sugestiona treino, práticas de atividades físicas, atributos masculino. Mãos apresentam dedos encolhidos, como se tivesse prontos para um ataque ou proferir golpe, os lábios sugerem rigidez e contração, dentição serrada. Olhos (pupilas) em direções opostas em sinal de alerta, sobrancelhas espessas e arqueadas.



FIGURA 1 – Desenho - (heteronormatividade: “Jair Bolsonaro”)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Jair Bolsonaro foi eleito e assumiu em 1º de janeiro de 2019 sendo o 38º Presidente da República do Brasil. Chama-nos a atenção esse grafito, pois houve reações desse candidato em relação ao posicionamentos sobre as questões de gênero. Sua posição política está voltada para a privatização de estatais, reforço na segurança pública, abertura econômica e manutenção de programas sociais. “Sua campanha baseou-se na bandeira da segurança pública, do nacionalismo e do fim da corrupção. [...] Comprometeu-se a implementar uma política econômica de cunho liberal.” Além de defensor da família tradicional heterossexual, cristã e de valores conservadores (DA REDAÇÃO, 2018, n.p.).

Uma das primeiras ações do atual presidente eleito no País foi a expedição da medida provisória de nº 870/2019, que retira a população LGBTQIA+ da lista de Políticas e Diretrizes destinadas à promoção dos Direitos Humanos, mostrando posição governamental LGBTfóbica.

Larrat (2019, p.9) critica os discursos políticos LGBTfóbicos, moralistas, que em nome de Deus, família, religião, perseguem e matam, sobretudo trans, negras e negros. Defensores do uso de armas, pregam que a cura dos males, salvação de nossa sociedade deve ser messiânica, imperando a “masculinidade extraordinária”. Essas falácias machistas, hegemônicas afastam o caminho da igualdade e da inclusão. Os direitos de uma cidadania sexual passariam a ser inexistentes.

Nessa linha moralista, Moreira (2016, p.13) observa o discurso social de líderes religiosos, políticos e juristas que entendem que a “heterossexualidade é uma expressão normal”, superior, preservacionista, reprodutiva, apresenta “dignidade intrínseca porque contribuem para a sobrevivência da nação”, deve “nortear a interpretação das normas jurídicas” e manter distante as práticas homoafetivas.

Entretanto há lutas, há resistências pelos direitos da cidadania sexual, há movimentos feministas e pró-LGBTQIA+, eles(as) reivindicam igualdade, reconhecimento jurídicos às uniões de pessoas do mesmo sexo, o direito a mudança do nome, intervenções cirúrgicas para adequações sexuais, eles(as) levantam bandeiras de resistência contra os conservadores religiosos e eles(as) têm conseguido garantir seus direitos a duras penas (LOREA, 2008; MOREIRA, 2016; CAMPOS, NETO, 2018; BUZOLIN, 2019). Os movimentos feministas a partir de 1970 possibilitaram o empoderamento feminino, mas muito ainda precisa ser mudado.

Nem todos os juristas e atores sociais concordam com o discurso moralizante, uma vez que “recentes decisões judiciais que instituíram igualdade jurídica entre casais homossexuais e heterossexuais podem ser vistas como um momento importante na afirmação de uma nova concepção de cidadania na nossa sociedade” (MOREIRA, 2016, p.14).

Larrat (2019, p.7) relata que “[...] seria possível punir a agressão que nos matou, porém jamais o discurso e a ação que provocam e estimulam essa violência.” Referindo-se à população LGBTQIA+, entende que capitalismo e patriarcado nunca serão vencidos.

No campo da Educação, Paraíso (2018) reverbera sobre a invisibilidade dos temas gênero e sexualidade em vários documentos, afinal foram

[...] retirados do Plano Nacional de Educação (PNE), dos Planos Estaduais e Municipais de Educação de vários estados e municípios brasileiros, recentemente, no final do ano 2017, esses temas foram também invisibilizados na última versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) (PARAÍSO, 2018, p.8).

“[...] Um currículo é um espaço de ensino e de aprendizagem incontrolável. Por isso mesmo, ele seja objeto de tantas cobiças, de tantos poderes” (PARAÍSO, 2018, p. 8). Ela acredita na possibilidade de criação de espaços de heterotopias foucaultianas nas escolas e nos currículos. Paraíso (2018) denomina isso de currículos e possibilidades. As heterotopias garantiriam a discussão das questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar.

As escolas por não discutirem sobre o impacto da “masculinidade extraordinária”, questões de gênero e sexualidade, pode ser campo para manifestações de violência física e psicológica, reproduzindo e mantendo os atributos das masculinidades e feminilidades hegemônicas, cobrando tais atributos e aqueles(as) que forem diferentes são marginalizados(as) e menosprezados(as).

A instituição escolar é detentora de poder. O poder discursivo é capaz de conduzir e produzir efeitos benéficos ou maléficos, imperativos, libertários ou castrativos; pode nos proporcionar liberdade ou nos aprisionar, dependendo dos interesses de quem detém os saberes (FOUCAULT, 1979). As escolas devem proporcionar aos alunos momentos de reflexão sobre as características da “masculinidade extraordinária”, abrir espaços para discussões, propor soluções coletivas de situações problemas relacionadas às questões de gênero, sexualidade, masculinidade, feminilidade, respeito, sentimentos, diversidade e igualdade.

Bolsonaro, favorável ao armamento de civis, foi aclamado por seus eleitores como salvador da Pátria, aquele que colocaria ordem no caos, o honesto, o “Messias”. Associado ao seu nome “Jair Messias Bolsonaro”. Ele foi Militar do Exército (1977), formou-se em educação física (1983), em 1987 concluiu cursos no Exército Brasileiro chegando a patente de capitão e foi colocado na reserva. Talvez daí tenha sido realizada a associação da figura com o policial militar.

A Fig.1 nos chama atenção à ausência de pés e à falta de uma das pernas. Talvez não tenha havido tempo para concluir o grafito naquele dia.



FIGURA 2- Desenho - (heteronormatividade: “Jair Bolsonaro”/Policial)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

No dia seguinte encontramos a figura acima. Na Fig. 2, inseriram uma outra perna, levemente apagada, foi utilizado **lápiz** (grafite) para completar o desenho, possivelmente tenha sido desenhada por outra pessoa, pois as dobras da barra da calça apresentam um estilo de traços diferentes se compararmos com a versão anterior, feita à caneta. Possivelmente tiveram a intenção de inserir um pé. As dobras da barra da calça sugerem um pé com 3 dedos, podem não ter observado que havia uma barra de calça dobrada e não um pé na Fig.1. A Fig. 1 foi desenhada com o auxílio de uma caneta de tinta na cor preta. Percebemos na Fig. 2 a exclusão da seta com o nome “Jair Bolsonaro”.

A Fig. 3 trata-se da mesma imagem da Fig. 2, porém elementos foram apagados e outros incluídos.

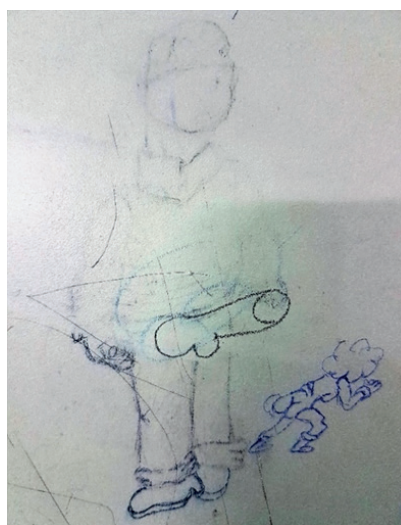


FIGURA 3– Desenho - (heteronormatividade)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na semana seguinte às eleições do primeiro turno, pudemos observar na Fig. 3 que o desenho sofreu intervenções, principalmente a cabeça, tronco e parte dos braços foram apagados, no entanto, percebemos um tipo de calçado em ambos os pés, um pênis ereto e saco escrotal foram acrescentados (lápis). Com auxílio de caneta de tinta na cor azul, uma figura possivelmente feminina foi adicionada, cabelos cacheados e abastados (formato de nuvem), seio, exposição das costas e nádegas, posição de “4”, “empinando o bumbum” sugerindo posição de “monta” para o ato sexual, ou oferecendo-se. Foucault (2018) relata que no século XIX, era vitoriana, a sexualidade é encerrada. “Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei” (FOUCAULT, 2018, p.7). O prazer sexual deveria permanecer longe do matrimônio, mas livre com prostitutas(os), amantes libertinos(as).

Chama-nos a atenção à proporção do tamanho do pênis se comparado com a figura feminina. O pênis desproporcional para a figura do suposto presidente parece ser algo de grande importância no campo da masculinidade. Pênis grande e ereto é símbolo do macho viril.

Os grafitos Fig. 1, Fig. 2 e Fig. 3 ilustram como ao longo dos dias, partes são adicionadas ou retiradas. Temáticas são alteradas. A Fig. 3 nos sugere a imposição da masculinidade hegemônica em relação à complementaridade sexual, todo homem macho, viril, forte deve ter uma mulher, frágil, submissa, pronta a lhe satisfazer sexualmente e na vida. Premissa normativa.

Moreira (2016) nos fala sobre o processo de restauração e consolidação da democracia no Brasil nas últimas três décadas. Buscou-se eliminar estigmas culturais, práticas discriminatórias, que manteriam indivíduos em subordinação e exclusão social. Os homens e mulheres homossexuais almejam “o reconhecimento social de que são pessoas igualmente dignas e merecedoras das mesmas oportunidades e direitos garantidos a pessoas heterossexuais” (MOREIRA, 2016, p.11). Há lideranças políticas, religiosas e sociais que discordam.

Louro (2018, p. 74) enfatiza a questão do binarismo sexual (macho ou fêmea) atribuído aos corpos ao nascer, tem pênis é macho, não tem pênis é fêmea, essa coerência lógica entre “sexo-gênero-sexualidade” é um dado que atribui caráter normativo e de imutabilidade. Segundo essa lógica, pressupõe que a genitália (biológica) do recém-nascido vai determinar o gênero obrigatório (homem ou mulher) e induz a uma direção única do desejo sexual, ou seja, pelo seu oposto, não havendo outra possibilidade, senão seguir a ordem reprodutiva prevista.

Lideranças religiosas e políticas entendem a homossexualidade como prenúncio de desestruturação social e da família, embora a heteronormatividade garanta a manutenção da espécie. Muitos juristas e políticos concordam que as “normas jurídicas apenas reproduzem a moralidade presente na ordem natural” (MOREIRA, 2016, p.12),

são favoráveis à distinção dos direitos entre heterossexuais e homossexuais mantendo a cidadania sexual as margens.

Somos um “povo irreverente que tanto adora sexo quanto falar dele”, mas há um ranço moralista, conservador que “[...] insiste em afirmar que tudo o que refere a sexo é sujo e pecaminoso” (DEL PRIORE, 2014, p.147). Nossa história está repleta de repressão. Moralmente sexo deve ser feito para fins de procriação e não prazer. Será?

Connell (1995), na década de 1990, abriu um leque discursivo observando que a “interação global” possibilitou a “criação de novas formas de masculinidade hegemônica.” Uma vez que sabemos que “as condições para a hegemonia estejam mudando, com o crescimento do feminismo mundial, a estabilização de novas formas de sexualidade e a criação de uma economia global” (CONNELL, 1995, p.193).

A masculinidade hegemônica, “extraordinária”, branca, cristã, permite a criação de outras masculinidades distintas como a masculinidade negra, considerando-os violentos, preguiçosos, menos inteligentes, pobres, diferentes. A masculinidade gay reconhecendo-os(as), como fracos(as), menos homens, próximos ao feminino, devendo estar às margens.

Percebemos que muito ainda deve ser feito referentes aos movimentos feministas e LGBTQIA+, no Brasil há retrocessos. Impera o patriarcado heteronormativo religioso, tomando a família hegemônica como única e verdadeira. Parece haver um moralismo hipócrita instalado, governo LGBTfóbico, patriarcal, machista e racista.

Os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos. Um setor dos estudos feministas atuais tende, aliás, a quantificar estes privilégios e a mostrar concretamente os efeitos da dominação masculina. A política atual, que, em nossa sociedade, visa a diminuir as “desigualdades”, não deve nos deixar esquecer que elas perduram, sob pena de tomarmos nossos sonhos por realidade e não compreendermos mais nada (WELZER- LANG, 2001, p.461).

Estamos inseridos em um processo enraizado de construção da masculinidade, para Albuquerque Júnior (2013) o homem nordestino “[...] se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos.” Muito dessa definição do homem nordestino parece estar embasada no processo discursivo que define o homem brasileiro, heteronormativo, cristão, conservador, moralista, macho e viril (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.150).

Algo semelhante é visto no processo de constituição do gaúcho, em que impera valores patriarcais, representações de gênero prima pela exclusão do feminino, “a identidade do homem gaúcho é constituída por valores como o brio, coragem, argúcia, virilidade e oposição a qualquer comportamento vinculado ao feminino” (MELO, CRUZ, BOHNENBERGER, 2017, p.1). Inferimos que se estende por todo o território nacional brasileiro esse processo de dominação discursiva misógina, somente a “masculinidade extraordinária” colocaria ordem ao caos.

Exemplos da “masculinidade extraordinária” são elencados pela entrevistada. Scott reverbera “então, Bolsonaro fala para vocês que mulheres devem cuidar da casa; na Turquia, o presidente Recep Tayyip Erdoğan diz que o papel principal da mulher é ter filhos, para salvar nosso futuro; Trump pensa nas mulheres com objetos de satisfação sexual” (FAGUNDEZ, 2019, n.p.). Essa falácia para muitos passa despercebida e natural: “tem que ser assim”.

Segundo Bourdieu (2017) essa normatização torna-se senso comum por meio de ações e linguagens no cotidiano.

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2017, p.21).

A Fig.3 nos permite um caminhar reflexivo. Sugere como a mulher é percebida por alguns adolescentes. Numa posição submissa, de quatro, disposta a ser montada pelo macho, quase sem roupas, para servir de objeto de prazer ao homem, poderoso e viril. Nessa posição não sugere um ato sexual para fins de procriação, mas sim de prazer sexual. Não há uma relação de igualdade e sim de inferioridade e submissão. Identificamos que pela “análise crítica da opressão das mulheres, nasceram as lutas contra o sexismo, o patriarcado e o viriarcado” (WELZER- LANG, 2001, p.462).

O homem deve cumprir a função de mantenedor do patriarcado, do viriarcado, heteronormativo. Esse modelo se arrasta pelo Brasil num contínuo processo discursivo que impõe essa masculinidade pulsante como a única e imperativa que deve ser aceita.

Segundo Scott “as pessoas que respondem a Trump estão procurando exatamente por aquele tipo de figura paterna que tome conta de tudo. E a pergunta é: há uma mulher que possa fazer isso? [...]”. Scott sugere que em decorrência da crise do capitalismo neoliberal, ricos mais ricos e pobres mais pobres, espera-se um salvador da pátria, um patriarca com poderes extraordinários, mágicos para pôr ordem ao caos instalado, atrelado a sua masculinidade. Esses homens como Trump, Bolsonaro e Modi (primeiro -ministro da Índia) sabem mandar, vão dar fim a criminalidade, a corrupção, ou ainda Duterte presidente das Filipinas “que está matando todo mundo”. Espera-se ainda “purificar a nação” em favor da supremacia branca e mantendo os imigrantes ou minorias étnicas longe de suas fronteiras assim como pregam Estados Unidos, Itália (Matteo Salvini) e Inglaterra-Londres (Nigel Farage) (FAGUNDEZ, 2019, n.p.).

Para contribuir com essa valorização da masculinidade percebemos o poder da mídia.

Os esportes televisionados, os filmes de “ação” de Hollywood, os desenhos animados e os quadrinhos dos super-heróis, os romances de aeroporto, os jogos violentos de videogame, os conjuntos de brinquedos plásticos infantis, tudo isso insiste de forma incessante na superioridade corporal dos homens e no seu domínio da tecnologia e da violência (CONNELL, 1995, p.195).

Joan Scott relata que na história há exemplos de figuras masculinas paternais suavizadas capazes de tomar conta de nós de modo quase maternal, de um jeito que não valorize a violência, a força, mas o cuidado. Assim como fez Martin Luther King, exemplo venerado de amor e respeito. Lazaro Cárdenas del Rio, no México, (1934-1940) um dos presidentes mais populares do país e responsável pela nacionalização do petróleo. Simón Bolívar líder político venezuelano que lutou contra a colonização da região no século XIX e Gandhi, muito diferente dos populistas de direita. “Há momentos em que líderes fortes e admirados se apresentam, mas os amamos não porque eles são mais poderosos do que nós, mas porque representam algo comum a todos” (FAGUNDEZ, 2019, n.p.).

Em relação aos interesses dos homens, “todas as formas de política da masculinidade envolvem uma relação com o feminismo. Quer essa seja uma relação de rejeição, ou de coexistência cautelosa ou ainda de apoio caloroso, esse é o centro emocional dos debates atuais” (CONNELL, 1995, p.196).

Em momentos de crise econômica e política, busca-se lançar um olhar para velhos hábitos, ou jeitos de ver as coisas, um jeito primitivo. Viktor Orbán, primeiro ministro da Hungria, eliminou estudos de gênero assim como Bolsonaro pretende fazer no Brasil. O casamento gay passa a ser algo inconcebível, pois é contrário à lei de Deus. Há mudanças representativas no mundo esquerda e direita (FAGUNDEZ, 2019, n.p.).

“Ter filho gay é falta de porrada” fala do ex-deputado, atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro antes mesmo de ser eleito. Esse tipo de declaração restringe o direito da existência de um segmento da população (QUINALHA, 2019, p.4).

Vale a pena destacar que toda bagagem cultural, moral e social exposta nos grafitos são ensinadas por agentes que estão fora dos muros da escola.

No geral, as religiões manifestam grande preocupação com a sexualidade. Importante lembrar que a escola é pública, é um ambiente público, e deve se reger pela laicidade. Isso significa que a escola não valoriza uma religião em detrimento de outras. Ela é um ambiente em que todos os alunos e alunas, e professores e professoras, tem liberdade de manifestar seu pertencimento religioso. [...] Vale lembrar que no espaço público nós toleramos e respeitamos os demais, e somos também tolerados e respeitados pelos demais. [...] A escola é uma instituição republicana, é uma coisa pública (“res pública”), onde todos manifestam e discutem suas posições, e aprendem a se respeitar. Isso vale muito para os temas do gênero e da sexualidade (SEFFNER, 2014, p.78).

Nesse panorama, questões devem ser levantadas. Segundo Scott, a população que não votou em Trump ou Bolsonaro, não acredita em suas ideias como verdades e busca por alternativas, que ainda não surgiram? O que tem acontecido com a esquerda? Por que perdeu conexão com as mudanças do mundo? (FAGUNDEZ, 2019, n.p.).

Sabemos que “nos países capitalistas ricos, a renda média dos homens é aproximadamente o dobro da renda média das mulheres. O acesso político dos homens é dez vezes maior que o das mulheres [...]”, “os homens controlam os meios de violência, na forma de armas e de forças armadas” (CONNELL, 1995, p.197). Sabemos que nas malhas da “masculinidade hegemônica empresarial” as mulheres não têm tido grande

abertura. “A nova indústria internacional do vestuário e as linhas de montagem de microprocessadores, por exemplo, são arenas de um sexismo extremo. A violência contra as mulheres não tem, comprovadamente, diminuído” (CONNELL, 1995, p.197).

No Brasil foram registrados 61.032 estupros em 2017, um aumento de 10,1% em relação a 2016, e houve 221.238 registros de violência doméstica contra mulheres, corresponde a 606 casos por dia no país (FBSP, 2018, p.6).

Scott aponta que uma mulher líder teria que saber dosar dois itens: ter carisma para gerar respostas amorosas ao eleitorado e saber combater os inevitáveis ataques que a apontarão como anormal. Será que a mulher mãe, cuidadosa seria a solução guia para fora do deserto? (FAGUNDEZ, 2019, n.p.).

“Uma nova política do gênero para os homens significa novos estilos de pensamento”, sem ter certeza de “abertura para novas experiências e novas formas de efetivá-la”. Em outras palavras, há um longo caminho a ser percorrido entre a constituição igualitária do masculino e do feminino. “No dia em que fotografias com homens carregando armas se tornarem raras e fotografias com homens empurrando carrinhos de bebê se tornarem comuns, aí saberemos que estamos realmente chegando a algum lugar” (CONNELL, 1995, p.205).

4 | RESULTADOS

Percebemos que a construção da masculinidade e da feminilidade hegemônica são tomadas como verdades universais. A partir do momento em que se tem consciência dessas correntes discursivas, relativas à sexualidade e às questões de gênero torna-se possível por meio dos questionamentos, problematização e discussões mudanças dos elos sedimentados.

Os resultados parciais apontam a existência crescente de preconceitos de gênero e de sexualidades nas escolas e na sociedade. Advogamos a necessidade de problematizar esses preconceitos nos discursos das políticas curriculares e nos processos de formação de educadores(as). Medra-se a possibilidade de reflexão, de desconstrução de preconceitos e de estereótipos generificados permitindo a formação de cidadãos críticos e conscientes em suas subjetividades.

A criminalização da LGBTfobia, os direitos à união entre pessoas do mesmo sexo, constituição familiar, adoção de filhos(as), igualdade em direitos sociais, trabalhistas entre homens e mulheres incluindo a população LGBTQIA+, independente da cor da pele, são exemplos do que almeja a cidadania sexual igualitária.

Faz-se necessário significativas mudanças relativas às questões de gênero e sexualidade para que possamos sonhar com uma escola, sociedade e com um mundo mais tolerante, que preze pelo respeito as diferenças e rume para uma cidadania sexual

inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed., São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros).

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. A condição feminina e a violência simbólica. 4.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 7 jul. 2019.

BUZOLIN, Livia Gonçalves. **Conceito de família e competição institucional**: a discussão da família homoafetiva nos poderes Judiciário e Legislativo. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Fundação Getúlio Vargas, Escola de Direito de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/27310/Dissertação%20de%20Mestrado%20-%20Livia%20Buzolin.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 jul. 2019.

CAMPOS, Ingrid Zanella Andrade; NETO, Clarindo Epaminondas de Sá. A cidadania sexual fraterna: por uma concepção de dignidade para as pessoas “Trans”. **Revista Jurídica**. Curitiba, v. 01, n. 50, p. 209-243, 2018. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/2549> Acesso em: 24 jul. 2019.

CONNEL, Robert W. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.20, n. 2, p.185-206, jul./dez.1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em: 21 mai. 2019.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**. Sexualidade e erotismo na história do Brasil. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Mabalhães. Editora: Universidade de Brasília, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. Análisis crítico del discurso. In: FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. **El discurso como interacción social**. Estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2000, p. 367-404. Disponível em: <https://libroschorcha.files.wordpress.com/2017/12/el-discurso-como-interaccic3b3n-social-teun-van-dijk.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2019.

FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. **12 Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, ano 12. 09 ago. 2018. 90 p. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Anuario-Brasileiro-de-Seguran%C3%A7a-P%C3%BAblica-2018.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

LARRAT, Symmy. A resistência LGBTI+ e a política de morte bolsonarista. **Le Monde Diplomatique Brasil**,

ano 12, n. 143, p.7, jun. 2019.

LOREA, Roberto Arriada. **Cidadania Sexual e Laicidade**: um estudo sobre influência religiosa no Poder Judiciário do Rio Grande do Sul. 2008. 209 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15572/000685830.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 jul.2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MELO, Jonathan Dalla Rosa; CRUZ, Francieli Borchart da; BOHNENBERGER, Gustavo Wohlfahrt. O tradicionalismo gaúcho e a masculinidade enquanto construções identitárias. In: 3º EMICULT- Encontro Missionário de Estudos **Interdisciplinares em Cultura**, Santo Ângelo, RS, v.3, p.1-10, ago. 2017. Disponível em: <http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2018/06/O-TRADICIONALISMO-GA%C3%9AACHO-E-A-MASCULINIDADE-ENQUANTO-CONSTRU%C3%87%C3%95ES-IDENTIT%C3%81RIAS.pdf> Acesso em: 23 jul. 2019.

MOREIRA, Adilson José. Cidadania Sexual: Postulado Interpretativo da Igualdade. **Direito, Estado e Sociedade**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo-SP, Brasil, n.48, p. 10-46, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistades.jur.puc-rio.br/index.php/revistades/article/view/547> Acesso em: 25 jul. 2019.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos. In.: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Teresa (Organização). **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p.7-27. Disponível em: http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7746/Livro_final_1.pdf?sequence=1 Acesso em: 24 jul. 2019.

QUINALHA, Renan. Os direitos LGBT sob o governo Bolsonaro. **Le Monde Diplomatique Brasil**, ano 12, n. 143, p.4-5, 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/edicao/edicao-143/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. 2.ed. São Paulo: Cenage Learning, 2018.

SEFFNER, Fernando. Sexualidade: isso é mesmo matéria escolar. **Revista Teoria e Prática da Educação**. Maringá, PR, v. 17, n. 2, p. 67-81, mai./ago. 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/27750>. Acesso em: 24 jul. 2019.

SONTAG, Suzan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e Poder**. Judith Hoffnagel, Karina Falcone, (organização). 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p.460-482, segundo semestre, 2001. Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38109208>. Acesso em: 15 fev. 2019.

DA REDAÇÃO. **Jair Bolsonaro é eleito presidente do Brasil**. 28/10/2018, 19h39 - atualizado em 29/10/2018, 17h19. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-do-brasil>. Acesso em: 03 fev. 2019

FAGUNDEZ, Ingrid. Pessoas Buscam “salvação” na “masculinidade extraordinária” de homens como Trump e Bolsonaro, diz historiadora dos EUA. 05/06/2019. **BBC News Brasil em São Paulo**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48504880> Acesso em: 10 jun. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aplicativo Educativo 74, 75, 77, 80, 83, 84, 85

Aprendizagem 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 53, 56, 58, 59, 60, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 98, 103, 104, 108, 111, 112, 114, 126, 140

C

Ciências 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 34, 35, 40, 44, 51, 59, 62, 72, 73, 78, 90, 91, 146

Currículo intercultural e bilíngue 49, 55, 58, 59

D

Diversidade dos sujeitos 12, 13, 14, 15, 21, 22, 25, 27, 31, 32

E

Educação 11, 2, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 71, 72, 73, 78, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Educação de jovens e adultos 15, 16, 24, 32, 33, 91

Educação escolar quilombola 135, 137, 140

Educação infantil 11, 62, 63, 64, 67, 68, 71, 72, 73, 99

Educação Prisional 90, 95, 107, 110, 111

EJA em prisões 86

Ensino 1, 2, 3, 4, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 74, 77, 78, 80, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 122, 126, 133, 138, 140, 143, 146

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 19, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 53, 54, 55, 59, 60, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 103, 109, 111, 115, 117, 118, 122, 124, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 144

Escolas quilombolas 135, 138, 139, 140, 142, 143

G

Gênero 2, 10, 19, 37, 45, 46, 52, 55, 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 84, 85, 109, 112, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133, 134

Gestão Educacional 107, 114, 116

H

Histórico de vida 12

I

Infância 10, 26, 62, 63, 64, 72, 73, 121

Interculturalidade 49, 53, 54

M

Masculinidade 67, 71, 72, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Mulheres brasileiras 75, 77, 78, 80, 83, 84

Multiculturalismo 49, 50, 51, 52, 53, 54, 60, 61, 145

O

Orientação Sexual 1, 2, 3, 10, 11, 19, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

P

Paulo Freire 12, 13, 14, 19, 21, 22, 31, 56, 57, 59, 61, 90, 107, 108, 110, 111, 116

Pedagogia de projetos 88, 89, 91, 92, 95

Pedagogia em contextos não escolares 97

Pedagogia Social 33, 97, 98, 102, 105, 106

Pioneiras 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 85

Política 16, 17, 32, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 78, 79, 82, 87, 99, 100, 106, 107, 108, 112, 116, 121, 125, 129, 131, 132, 133, 136, 137, 139, 142, 145

Práticas curriculares 135, 138, 141

Professor 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 18, 20, 27, 30, 32, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 75, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 97, 98, 99, 102, 103, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 135, 141, 143, 146

R

Reconhecimento Feminino 75

S

Saúde 2, 7, 9, 11, 19, 36, 45, 78, 79

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 63, 64, 72, 73, 77, 122, 123, 126, 128, 129, 131, 132, 133, 134

Sistema prisional 86, 91, 97, 100, 106

T

Teoria Pedagógica 107, 116

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

**Atena**
Editora

Ano 2020